



A etnografia e o documentário, um encontro possível¹

Aline da Rocha Junqueira²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

A proposta deste trabalho é tecer algumas considerações acerca da produção de documentário, principalmente abarcando memória e comunidade, à luz da antropologia. Aproximamos a etnografia do fazer audiovisual ponderando três momentos que permeiam essas práticas: o encontro, a interpelação e o registro. Trabalhamos com o documentário *Benfica da Gente: a história do bairro-cidade contada por seus moradores*, sobre uma periferia da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais a partir da contribuição de Janice Caiafa, Gilberto Velho, Consuelo Lins, como aporte teórico, além de conceitos de Deleuze, Guattari e Bakhtin.

Palavras-chave

Documentário, etnografia, narrativas

A produção de narrativas sobre o outro

Janice Caiafa em *Aventura das Cidades* (2007) faz uma análise da produção do relato etnográfico, problematizando-o dentro da tradição da antropologia. A etnografia, voltada às culturas primitivas – se é que há ressonância desse termo atualmente –, ou à própria cultura é uma investigação específica que produz narrativas sobre o outro.

Desde a origem nos relatos de viagens e contatos com outros povos, passando pela consolidação enquanto método científico a que se deve o trabalho de Malinowski no início do século XX, criticado pela antropologia interpretativa de Geertz até a desconstrução da autoridade do etnógrafo postulada em *Writing Culture*³, a etnografia tem como particularidade ser uma pesquisa em que a experiência do pesquisador com o objeto – que também é sujeito –, bem como as falas do outro são matéria-prima. Assim,

¹ Trabalho apresentado no DT 04 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012

² Mestranda do programa de Pós-Graduação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), e-mail: alinerochajunqueira@gmail.com

³ Publicação organizada por James Clifford e George Marcus com as ideias do seminário de Santa Fé, em Novo México em 1984



este método é um lugar da “comunicação socioverbal”, como define Caiafa (2007:138) recorrendo a Bakhtin e Volochínov, esbarrando sempre na “fronteira com a palavra do outro”, mencionando Deleuze e Guattari.

É por isso que a pesquisadora aposta em uma atitude de se disponibilizar ao acontecimento que o encontro proporciona. Entender e aplicar a etnografia como um “método-pensamento” (CAIAFA, 2007). Nem a simplificação como nos trabalhos que enquadravam as sociedades não-ocidentais em regras, nem a totalização, que manipula a experiência do campo para dar consistência à própria visão de mundo do etnógrafo. O que está intrínseco ao estudar cultura, é que estamos lidando com algo não estancado, mas fugidio e, portanto, possível somente se compreendido “no exercício afetivo da vida social” (CAIAFA, 2007: 139). A experiência singular se dá tanto no campo quanto na escritura.

O campo, lugar forte da pesquisa etnográfica, funciona como uma espécie de laboratório, onde o pesquisador pode experimentar e observar, mas especificamente se distancia do seu próprio meio, imerge numa outra realidade na qual, ainda que seja próxima da sua, é preciso “desfamiliarizar-se”. Há que tomar cuidados com a produção de estereótipos e mitos para se defrontar com a descoberta. Assim, envereda-se na viagem ao desconhecido em busca da diferença. Estranhamento não é algo natural, muito menos vontade, mas processo, que requer a “disponibilidade” (CAIAFA, 2007).

A autora não aparta o acontecimento vivido do texto etnográfico, para não apagar nenhum dos sujeitos envolvidos (nem o pesquisador, nem o objeto-sujeito) ou a experiência do encontro, numa perspectiva dialógica e polifônica, conceitos bakhtinianos. Entender a escritura como um “agenciamento coletivo de enunciação”, inspirada em Deleuze e Guattari. Transcrever a experiência sem usar da sua posição privilegiada para apenas repassar a experiência pessoal dentro de um contexto específico (histórico, científico e circunstancial). Praticar uma ficcionalização, proporcionando ao leitor uma “viagem” que abarque “estranhamento” como também “simpatia” tal qual o pesquisador viveu em campo.

A função do etnógrafo é ser arranjador dos “agenciamentos coletivos” constituídos na experiência de campo e no texto, o que não lhe dá predicado algum, apenas lhe coloca diante da tarefa de construir com outras vozes. Por meio da explicação de Caiafa (2007)



acerca dos conceitos de Deleuze e Guattari, compreendemos que os agenciamentos são os ambientes de trocas entre heterogêneos, são múltiplos, transitórios e tocam nos limites até produzirem mudanças propulsoras de novos agenciamentos. Aplicando à etnografia, a pesquisadora desvela os “enunciados” entre os componentes dos agenciamentos, a matéria-prima e ferramenta do etnógrafo. Mas diferente de estarem à disposição deste, eles estão em “cofuncionamento” ou “simpatia”, única unidade possível entre os corpos (nos mais diversos coeficientes), e não mais organizados em categorias estabilizantes como sujeito, identidade, significante, representação, etc. Não cabe identificação, muito menos compaixão. Não julgar para entrar em composição com o outro, o “outrem”, revelador de novas possibilidades. Entender a subjetividade como processo inacabado e coletivo, encerrada no indivíduo, porém inscrita socialmente.

Um dos problemas que podem impedir o encontro com “outrem” é a relação de grande proximidade entre o pesquisador e o grupo pesquisado no trabalho etnográfico. Em campo, o pesquisador encontra-se numa situação de exposição que também o transforma. Se o contato com culturas extremamente diferentes da sua pode forjar a adesão à visão de mundo do outro ou exaltar o exotismo, ser membro da sociedade em estudo implica em um repertório de conhecimento que também perpassa por este problema. Gilberto Velho (2008) indica o caminho da relativização do outro, ou ainda, da transcendência, voltando-se à pesquisa sobre as cidades e suas descontinuidades. O autor se refere às noções ideológicas de experiência comum, que não são absolutas entre os indivíduos, ou mesmo, entre o pesquisador e o seu meio familiar. Para além da familiaridade, existem níveis diferentes de conhecimento do próprio vizinho que podem determinar tanto o “reconhecimento” quanto o “estranhamento”.

Velho ressalta a vulnerabilidade do pesquisador na sociedade contemporânea confrontando-se com especialistas das mais diversas áreas, com outros trabalhos sobre o mesmo tema, com os meios de comunicação que exotizam e familiarizam grupos distantes e próximos. Assim como Caiafa, Gilberto Velho destaca a importância da humildade do etnógrafo, uma vez que seu trabalho “é mais uma versão que concorrerá com outras – artísticas, políticas, em termos de aceitação perante um público relativamente heterogêneo” (2008:132).

A aplicação deste debate abordando as questões teórico-metodológicas envolvendo proximidade e distância, familiaridade e estranhamento, ganham intensidade em outra



contribuição de Gilberto Velho. Em *O desafio da proximidade* (2003), ele menciona o movimento brasileiro em torno dos estudos de comunidade a partir dos anos 1970. Para o autor, a diversidade da cidade permite aos antropólogos a identificação e construção de seus objetos de investigação, mas pode-se perceber certa opção ideológica pelo período em que os trabalhos se voltam para grupos desviantes. Entretanto, ao estudar favelas, cultos afro-brasileiros, classe trabalhadora, camadas populares, pesquisadores defrontaram-se com a proximidade e familiaridade, já que recorriam a pessoas do entorno para alcançarem os grupos. O antropólogo expõe então sua experiência de encontro, homogeneidade e heterogeneidade no trabalho *Nobres e anjos e Cotidiano e política em um prédio de conjugados*, sobretudo, conta o seu movimento de “estranhar o familiar”, ao optar por investigar elementos da sua rede de relações sociais. Atitude que ele confessa ser difícil e arriscada, porém possível se houver o exercício de distanciamento.

O “método-pensamento” de Janice Caiafa é uma atitude diante da pesquisa e do outro, logo, um motor de encontros transdisciplinares. A relação entre observador e observado é extremamente especial, pois promove engajamento, conhecimento em profundidade e, a partir da descrição do vivido, deve-se acrescentar contextualizações elucidativas, tornando a etnografia abrangente por evocar “problemas de conexão”, citando Abu-Lughod. Podemos aí também estabelecer um diálogo com Gilberto Velho ao tratar do “multipertencimento” do antropólogo e da “multidimensionalidade” do mundo real como engrenagens do estranhamento crítico diante do próximo cuja trajetória do trabalho não segue um único mapa, mas é permeada por trilhas “a partir do repertório de mapas possíveis” (2003:18).

O encontro, a interpelação e o registro

Até aqui discutimos o trabalho etnográfico que no nosso entender pode ser refletido a partir de três momentos sem fronteiras estanques: *o encontro, a interpelação e o registro*. O encontro é o impulso da viagem, de ir em direção ao estranho ainda que esteja próximo. A interpelação, o modo de interagir com o outro, as opções de contatos, as formas de obter o repertório de vozes de uma etnografia que privilegia o dialogismo. O registro se expressa no diário de campo, na coleta de dados, no texto etnográfico que no nosso entender é um arranjo polifônico. Embora haja peculiaridades da etnografia, vimos em Caiafa e Velho a disposição à transdisciplinaridade. Nesse sentido,



propomos algumas reflexões acerca de uma experiência, valendo-nos das contribuições acima para analisar criticamente o nosso percurso na realização de um produto audiovisual que tem como pano de fundo memória e comunidade.

A experiência em questão trata-se do documentário Benfica da Gente, sobre a história de uma periferia de Juiz de Fora, Minas Gerais, uma produção de 72 minutos em mini DV fundamentada basicamente em pesquisa documental e no resultado de oficinas de memória e audiovisual com jovens, de 14 a 18 anos, de uma escola pública pertencente à localidade. O trabalho iniciou-se em 2004 e foi concluído em 2007, guiado por uma ótica comunitária, tal qual nos aponta Raquel Paiva (1998):

Um veículo comunitário deve valorizar a cultura local, prestigiando suas formas. Deve necessariamente fomentar a participação da população tanto em projetos urbanos como no próprio veículo. Promover a educação é ainda uma das principais diretrizes, especialmente por se tratar de lugares onde o acesso às instituições formais de ensino ainda é bastante reduzido. Entretanto, é preciso *enquadrar essa preocupação educacional no propósito de entendimento do próprio cotidiano e da capacidade de transformá-lo* (p.166, grifo nosso).

Fomos movidos por procedimentos da História Oral nas entrevistas, na intenção de construir não uma verdade histórica, mas outra visão e versão do passado, que emanaria da experiência dos atores sociais envolvidos. Assim, não se tratava efetivamente de um vídeo etnográfico, mas inspirados nos trabalhos de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2003) e Eclea Bosi (1995)⁴, realizamos aqui um esboço do nosso “reencontro” com o outro, pois ao tentar trazer à tona a lembrança dos outros, tropeçamos nas pedras da nossa memória.

Sou moradora de Benfica desde que nasci. Meu pai foi um dos pioneiros da expansão da localidade, funcionário público transferido para o armazém do Instituto Brasileiro do Café (IBC) na década de 60, primeira empresa a ocupar o Distrito Industrial. Minha mãe permaneceu supervisora da Escola Estadual Professor Lopes, localizada bem no núcleo do bairro do casamento à aposentadoria. Eu estudei lá até a quarta série, hoje, quinto ano do ensino fundamental, e posteriormente passei a estudar numa escola particular no centro de Juiz de Fora. Enquanto morava no Distrito Industrial, cresci com certo distanciamento da vida central do bairro e me aproximei de outras regiões como a

⁴ Eclea Bosi em *Memória e Sociedade: lembrança de velhos* se transforma narra suas próprias lembranças e percepções no último capítulo do livro que como ela afirma é um trabalho na interseção de memória e velhice. Maria Laura Viveiros de Castro em *Conhecer Desconhecendo: a etnografia do espiritismo e do Carnaval carioca* revisita seus cadernos de campo e conta como essas experiências lhe transformaram.



Várzea e a Ponte Preta. A primeira era composta de casas mais populares, de trabalhadores na Central do Brasil ou na Fábrica de Estojos e Espoletas de Artilharia (FEEA), construídas em direção ao Distrito. A segunda, era praticamente povoada por uma única família de negros e seus descendentes, uma vez que se originou da doação da viúva do fazendeiro ao seu “escravo de confiança”, conforme relato da neta do negro Gabriel. Como minha mãe trabalhava fora, frequentemente as empregadas domésticas eram oriundas dessa região e eu convivia com as crianças de lá.

Aos quinze anos, cursando científico, atualmente ensino médio, meus pais se aposentaram e mudamos para uma casa bem no centro do bairro. Minhas relações sociais estabeleciam-se ali ou nas minhas amizades de escola, na “cidade”. Quando passei a estudar na Universidade Federal de Juiz de Fora, que ficava em outro extremo, meu distanciamento dos colegas do bairro tornou-se ainda maior, pois era uma privilegiada em relação à maioria. Durante a faculdade atuei no movimento estudantil e fui bolsista de projetos de extensão, sempre ligada à comunicação comunitária e popular.

Já formada, em 2002, passei um ano no Rio de Janeiro trabalhando e participei de um Seminário de Comunicação Comunitária na Escola de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (ECO/UFRJ). Conheci o Observatório Social de Favelas na Maré e o grupo ECO na favela Santa Marta. Este grupo exibia os vídeos da colônia de férias, como também outros programas realizados por jovens em um canal específico da comunidade.

Voltei à Juiz de Fora. Participei de um processo seletivo da Lei Municipal de Incentivo à Cultura onde obtive financiamento para desenvolver o projeto *Benfica da Gente, narrativa audiovisual sobre o ângulo da comunidade*. Ao mesmo tempo em que voltava ao meu lugar de origem, o contato com os jovens da escola pública e o crescimento desordenado da região – desde a década de 90 contava com ocupações irregulares de terra e as desigualdades acirraram estigmas na população – influenciaram o meu olhar sobre o bairro e a elaboração do vídeo. Benfica não era a mesma da minha infância e adolescência.

Deixamos claro nesta exposição o contexto do nosso *encontro*, a *viagem* percorrida para estranhar o familiar. Mas no momento da *interpelação*, deparamo-nos com a tensão



entre a proximidade afetiva e o distanciamento profissional exigido no trabalho. Muitas pessoas entrevistadas nunca tiveram antes a chance de contar a sua própria vida e boa parte dos moradores antigos conhecia-me desde criança ou a meus pais. Assim como eles, eu era uma “filha de Benfica” e ter curso superior e estar com uma câmera na mão, fazia de mim uma “autoridade”.

Janice Caiafa (2007) toca nos modos de se obter os dados por meio de entrevistas e recursos tecnológicos como gravação de áudio ou mesmo câmera de vídeo. Mais que polemizar o uso destes aparelhos, ela propõe cuidado e criatividade. É estar ciente que há mudanças nas relações, mas ao mesmo tempo transformá-las em “fonte de vitalidade”. A força da criatividade está no “cofuncionamento”, na “simpatia”, que seria manter o direcionamento da entrevista sem se fechar nele, é estabelecer mais uma conversa do que um processo de inquisição.

Percebemos essa vitalidade na análise de Consuelo Lins sobre a obra de Eduardo Coutinho. Ela afirma que a característica marcante do cineasta é a relação com os entrevistados despertando-lhes o “gosto pela palavra” (1997: 238). A posição do diretor e da equipe em princípio pode ser desconfortável, ou provocar uma fala programada, em consonância com discursos dominantes e midiáticos. Contudo, a relação entre cineasta e entrevistado, se permeado por “simpatia”, retomando o termo de Caiafa para a atitude etnográfica, pode ganhar um tom de conversa revelador do universo do entrevistado. É não objetivá-lo e sim colocar-se disponível ao outro.

Voltando ao nosso trabalho, a familiaridade com os moradores mais antigos me trazia um pouco de incômodo quando eles insistiam em mencionar minha família, ou mesmo uma obrigação em ter que extrair algo importante daquela pessoa idosa a quem eu conhecia desde criança. Entretanto, como era a minha primeira experiência na direção de um documentário, à medida que passei a assumir a condição de “filha de Benfica” tal qual as personagens, os depoimentos foram acontecendo de maneira mais informal e as conversas desenrolavam-se. Quando perdi o controle sobre as falas, a narrativa do entrevistado tornou-se mais fértil. Quando me “distraí” e me voltei à escuta, o trabalho ganhou vigor. Evidentemente, determinou um número enorme de idas e vindas e de horas gravadas.



Isso não quer dizer que tanto eu como entrevistadora e o entrevistado ficamos virgens e imunes de nossos repertórios de conhecimento e valores naquele encontro, mas estabeleceu-se naquele momento uma “coparticipação” e por que não uma “coautoria”.

Pensar em coautoria personagem-profissional tem um pouco do que Deleuze fala sobre a narrativa. Basicamente, ela estaria na relação sujeito-objeto, mas ele problematiza esta concepção ao refletir sobre a objetividade e subjetividade no cinema, extrapolando a demarcação simplista de que é “objetivo o que a câmera ‘vê’, e subjetivo o que a personagem ‘vê’” (1990:180).

Discorrendo sobre as mudanças significativas na narrativa cinematográfica do século passado⁵, ele questiona a força da verdade, pois vários movimentos colocavam esta questão em jogo. Mas na ficção ou não, a potência de verdade é encontrada na fabulação das personagens. Fabulação a qual não deixa de praticar o cineasta. “Também ele se torna um outro, na medida em que toma personagens reais como intercessores, e substitui suas ficções pelas próprias fabulações deles, mas, inversamente, dá a essas fabulações a figura de lendas, efetua a sua ‘acessão à legenda’” (1990:185).

Não pretendemos aqui nos debruçar sobre a análise do cinema documental, tampouco na análise do discurso, mas destacar a incorporação dos elementos imaginários e alegóricos daqueles que o produzem. O documentário em questão, sendo um produto comunitário, agrega múltiplas vozes tal qual a memória, sendo uma *fabulação* mútua que, apesar de debruçar-se sobre os mais diversos aspectos, foi unida pelo lugar em que as falas foram confabuladas, fazendo memória e história se materializarem no território.

A *interpelação* pode tanto tolher a fabulação como trazê-la à tona. E a força do depoimento dos mais velhos no documentário está justamente na vitalidade de suas narrativas. Uma das figuras mais emblemáticas é a Dona Almerinda Silva Hora, negra, com mais de oitenta anos de idade naquela ocasião e neta do casal que iniciou o povoamento do bairro Ponte Preta. Tomemos um trecho de seu depoimento:

⁵ Deleuze analisa desde a produção americana do cineasta alemão Fritz Lang, passando pelo *Cidadão Kane* de Orson Welles, pelo *cinema de poesia* de Pasolini, pelos italianos Antonioni e Bertolucci e a *Nouvelle Vague* de Godard, do documentário etnográfico de Flaherty, das investigações ou reportagens de Grierson e Leacock, chegando a um momento de grandes mudanças nos anos 60 do *cinema direto* de Cassavetes e de Shirley Clarke, do *cinema do vivido* de Pierre Perrault e do *cinema-verdade* de Jean Rouch.



Ali na praça de Benfica era um brejo danado, ali não tinha praça não. Só tinha três “casa” e a fazenda velha, ali na praça era a senzala, ali na praça era a senzala [repete em tom de voz mais baixo], lá é que batia nos “nego”. Isso aqui era tudo de coronel, o que “eles falava” tava falado. Ainda tinha uma parte que dizia assim: “se eu não sou homem, leva um fio do meu bigode”[risos]. Era documento, documento [reforça], mandasse uma “comparação” buscar, um empregado buscar um dinheiro, [o coronel dizia] leva um fio do meu bigode... [bigode] do patrão [abaixa a cabeça] (JUNQUEIRA, 2007).

Neste fragmento, percebe-se a descrição de um período opressor. Um tempo – da escravidão – que ela não viveu, pois nascera em 1919, mas ouvira falar. Tempo que incidiu em sua vida quando conta do relacionamento do coronel – senhor – com o empregado – servo. A memória individual tem a dimensão social e a sua fala está carregada de impressões do seu contexto de mulher, negra e neta de “capataz”.

Outras personagens são tão instigantes quanto Dona Almerinda e fabulam com a mesma paixão e intensidade sobre suas vidas construídas ali. Sobre o passado de Benfica, por mais que sejam contadas histórias tristes, as personagens enriquecem seus depoimentos pelas alegorias que criam no ato de lembrar, pela dimensão simbólica impregnada, pelo tempo e espaço, nas suas vidas.

Depois de entrevistar moradores que se lembravam de fatos marcantes na história da região, outros que participaram da formação de seus bairros, sentimos falta da juventude nos depoimentos. Mantendo uma proposta comunitária, optamos por convidar os alunos que participaram das gravações a se colocarem diante da câmera e contarem suas histórias. Hoje, sob uma vertente etnográfica, também acreditamos que trazer os jovens que se envolveram no projeto para diante da câmera foi uma oportunidade que não podíamos nos furtar.

De forma que entendemos os processos de construção da memória, do discurso, no campo das trocas simbólicas como arquitetados pelas relações sociais e, portanto, fluxos, quem vive mais intensamente na liquidez contemporânea transparece sua inquietude frente o mundo e diante do seu território. Para estes, independente da “interpelação” quando falam da comunidade onde vivem, não há tempo nem espaço para alegorias no discurso que é curto e reivindicatório, sem fábulas.

Suellen Barroso: Porque a pessoa vai crescendo naquele meio, ninguém fala nada. Não, as pessoas de fora ‘fala’ que é ruim, mas ele tá vendo ali que se é tão ruim, por que todo mundo faz?



Ludmara de Souza: Eu sonhava que ia chegar em Benfica, que ia tá tudo muito lindo, as pessoas se amando, se abraçando, todo mundo muito feliz. Então eu tinha aqueles pensamentos: eu posso mudar, eu faço. [...] Várias pessoas pensam, não é comigo. Então deixa pra lá. Se eu tô bem, sinto muito pras outras pessoas.

Michel Ribeiro: Pra mim, o bairro é bom. Igual o povo usa uma gíria TDB, o bairro pra mim é TDB, tudo de bom.

Sílvia Rodrigues: A praça, minha filha, hum... Parece uma parte da minha casa, sabe, que eu tô lá quase todo dia, eu fico lá fazendo nada.

Roseane Rodriguês: Não tem nada de bom, não tem uma atração, não tem nada. Nas praças, os de sempre, nada de interessante, você vai de uma esquina à outra, senta no banquinho, mais nada.

Renata Santos: Eu acho que a primeira coisa que cê tem que saber assim é o seu bairro. Não adianta cê querer fazer as coisas se não conhece o bairro.

Sinval de Abranches Neto: É um bairro que tem tudo pra... tá dando certo e pra dar certo ainda mais como... essa pequena cidade dentro de uma cidade.

Vagner Oliveira: Se os próprios moradores aqui é...continuarem a... procurar melhorar o bairro, acho que o bairro tem tudo pra ser melhor. Eu acho assim, que Benfica tem tudo pra ser um bairro modelo, sabe, na cidade. Benfica é assim, eu acho que todo mundo tem que pensar que Benfica é da gente, entendeu, e a gente tem que cuidar dele.

De um modo geral, os jovens expuseram suas angústias diante do tempo presente e as referências positivas e negativas que possuem sobre a região: emprego, educação, saúde, diversão, violência, expectativas. Ressaltamos que do momento em que iniciaram no projeto até a conclusão, suas vidas já haviam tomado rumos diferentes, ou concluíram o ensino médio ou já tinham desistido da escola por entrarem na fase em que trabalhar tornara-se imperativo. Três adolescentes ficaram grávidas e apenas dois estavam na faculdade, cujas famílias pertenciam à classe média.

Na primeira fala, Suellen está se referindo ao consumo e venda de drogas na região próxima à sua casa. Ela questiona como os outros, “de fora” vêem esta prática que é natural na sua localidade. Ludmara mostra-se sem esperanças diante dos desafios que encontrou, jovem atuante em grêmio estudantil, ela já estava grávida. Já Michel continua feliz com o bairro. O garoto participava de movimento carismático, pertencia a uma família antiga na região e era extremamente popular. Roseane parou de estudar e tinha filho no momento da entrevista. Ela teve que crescer e, talvez, por isso frequentar a praça tenha perdido o sentido. Renata havia se mudado de Benfica e cursava pedagogia em uma faculdade particular, o que pode explicar o tom educativo de sua



fala. Sinval também se encontrava no ensino superior e, apesar de não muito integrado aos colegas e ao bairro, tem uma fala influenciada pelas falas de outros entrevistados. Outro depoimento bem entusiasmado é o do Vagner que, inclusive, retoma o mote do projeto: “Benfica da Gente”.

Essa fala encerra o documentário que pretendeu abarcar a história de uma localidade “independente” de Juiz de Fora. É a região censitária mais populosa da cidade mineira de acordo com o Censo 2010 do IBGE⁶. Com mais de 23 mil habitantes, superando a população do centro, da qual é separada por quase 14 km, polariza toda zona norte da cidade, agregando mais de 100.000 pessoas em torno do seu comércio, indústria e oferta de serviços.

Comparada às metrópoles, distância e população não são grandiosas. Entretanto, essa localidade na periferia juiz-forana foi rota do ouro, sediou batalhas da Revolução de 30, integrou o projeto nacional desenvolvimentista de Getúlio Vargas, enviou as primeiras tropas ao Rio de Janeiro para o golpe militar de 1964, dentre outros fatos e, ainda na década de 60, abrigou um movimento emancipacionista organizado por lideranças locais. As expectativas de alcançar a condição de cidade foram frustradas quando, em 1968, a região deixa de ser um distrito para tornar-se efetivamente um bairro, mas até hoje, a ideia de que Benfica deveria ser uma cidade povoa o imaginário da população.

Benfica sofreu impactos diretos e indiretos com os projetos de industrialização de Juiz de Fora porque foi o território que sediou esperanças de desenvolvimento: fundação da Fábrica de Estojo e Espoletas de Artilharia (1934); implantação do Distrito Industrial I (década de 70); instalação de duas grandes empresas próximas à localidade (a Siderúrgica Mendes Júnior e a Companhia Paraibuna de Metais na década de 80), cujo setor vertiginosamente tornou-se principal fonte de renda do município; “privatização” da produção de material bélico da antiga fábrica em virtude da guerra Irã-Iraque; e acomodação de uma montadora de carros, multinacional, nos moldes de produção do neoliberalismo (década de 90).

A dificuldade em promover o crescimento econômico desemboca na dificuldade em manter a qualidade de vida. Um dos impactos foi o aumento populacional que saltou

⁶ Tribuna de Minas, 7 de agosto de 2011, disponível em <http://www.tribunademinas.com.br/cidade/cidade-alta-e-a-regi-o-que-mais-cresce-em-jf-1.587969>



aproximadamente de 11.038 em 1991 para 18.111 habitantes pelo Censo 2.000, um crescimento de mais de 60%, posicionando Benfica como a maior região censitária de Juiz de Fora (PJF, 2006). Em decorrência, a atividade comercial e a prestação de serviços expandiram-se e ocorrem loteamentos populares. Apesar de ter causado aspectos positivos, principalmente na ampliação do setor comercial, as estratégias de desenvolvimento industrial não responderam às perspectivas no tocante à geração de renda. Começam os problemas com a ocupação de terras⁷.

É evidente que todas essas transformações imprimiram marcas nas memórias individuais e na memória coletiva da comunidade. Diante de um repertório inesgotável de versões desses acontecimentos, ouvir, organizar e condensar dentro de um suporte com limitação material, seja no documentário ou no papel é um trabalho árduo.

Tomamos então o momento do “registro”. O registro sempre é uma limitação da multiplicidade de sentidos que envolvem o “encontro”. O caderno, a fotografia, a gravação de áudio ou de vídeo, qualquer suporte de instrumentalização da pesquisa não são o espelho dos acontecimentos, apesar da verossimilhança. Preferimos uma postura não ingênua assumindo que etnógrafo e documentarista agrupam em um todo organizado passagens dispersas de sua experiência em campo, registradas nos seus aparatos, como também em suas memórias. Em suma, ambas atividades constituem obras humanas, trabalho sobre o vivido, experimentado. Linguagem e representação reconstruindo o tempo.

Desse modo, o pesquisador (incluindo o documentarista) faz opções ao narrar sobre o outro. No documentário, diversos enfoques são experimentados, mas, no Brasil, as entrevistas têm sido a tônica. Esse predomínio foi bem criticado por Jean-Claude Bernardet como um *cacoete* de linguagem⁸. Os primeiros filmes que utilizaram como recurso a ausência o *off* tentavam imprimir um certo predomínio da *voz do outro* e não do cineasta como articulador dessa voz ao estimular a resposta. Segundo o crítico,

⁷ Áreas do estado ficaram ociosas por muito tempo, sendo alvos de invasões. A área denominada Vila Esperança I, por exemplo, era um conjunto de casas de barro às margens da via férrea e do córrego Três Pontes. Nos anos 80, a administração municipal promoveu o assentamento das famílias em um local próximo. Uma nova invasão ocorreu novamente nas terras do estado, na década de 90. Após vários e sérios conflitos, foi regularizada em 1996 e, originando a Vila Esperança II. No início dos anos 2000, uma área da iniciativa privada foi tomada próxima a estes assentamentos e à beira da rodovia BR040. Esta ocupação cresce até hoje, sem qualquer infraestrutura urbana e sem solução, apesar de negociações com a iniciativa privada, com o poder público e projetos de remoção.

⁸ Ver *Cineastas e a Imagem do Povo* (BERNARDET, 2003)



Coutinho faz uma opção estilística e não usa de um simples artifício que reduz recursos materiais ou concede superficialmente o direito à palavra. O cineasta também opta por revelar a intervenção da equipe nos grupos sociais e a sua própria interferência.

No nosso caso, no documentário *Benfica da Gente*, não nos mostramos abertamente. Isso porque trabalhamos com apenas uma câmera e confiamos que o espectador não é tão inocente a ponto de não perceber que as histórias de vida foram reordenadas. As alternativas de elaboração de uma unidade coerente são inúmeras e adotamos a exposição de contradições e ambivalências das falas, sem o uso do *off*. É assim que revelamos as variantes sobre a origem do nome Benfica (JUNQUEIRA, 2007).

Raimundo Miranda: Então eles [os tropeiros] vinham e ficavam aqui, então já tinha aquela turma que juntava. Aí ficava “cê” vai ou fica? Ah, eu vou ficar. Aí botou nome Benfica. Eu não vou hoje, bem fica, um vai o outro fica. Então ficou Benfíca e “tá” Benfíca até hoje.

Conrado Barbosa: O nome de Benfica aqui é devido ao Padre Bemfica, ele era um padre de Mariana. Então quando ele passava aqui, talvez ‘pro’ Rio de Janeiro, ele passava aqui neste local. E aqui tinha uma ermida, onde está a praça atualmente, era a sede da fazenda [...] Então ele rezava a missa.

Vanderlei Tomaz (citando uma passagem do livro de Lindolfo Gomes): A namorada ia para a estação despedir-se do namorado e gritava: - Bem, fica! Bem, fica! o que acabou dando nome ao bairro.

Ou ainda, que a imprensa publicou uma adesão popular às batalhas da Revolução de 1930⁹, mas a população remanescente se lembra mais dos roubos nas fazendas, da necessidade de abandonarem suas casas e do respeito aos soldados. Outra contradição está no relato de um dos integrantes do movimento emancipacionista. Domingos Sobreira contou que sua adesão foi mais por amizade do que por convicção. Nas suas lembranças de uma reivindicação que não foi adiante, sobrou-lhe o papel de testemunha ocular. “Eu vi, vi e ouvi quando o governador Magalhães disse: Joãozinho, isso não vai acontecer porque tem gente forte em Juiz de Fora que não vai permitir” (JUNQUEIRA, 2007).

Quando se fala sobre o tempo presente, as ambiguidades são mais evidentes. Vários depoimentos são intercalados com as falas dos jovens e, ao mesmo tempo em que a

⁹ O jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro de 29 de outubro de 1930 publicou a manchete “Benfica, Verdun da Mantiqueira. Resistiu ferozmente aos ataques das tropas legalistas. Uma página épica à tomada de Benfica”



praça é “submundo”, lugar de briga de jovens e tráfico de drogas, ela compõe o “cartão postal” de Benfica, sendo “point” e “terapia pra mente”.

Considerações finais

Relacionamos a proposta de etnografia dialógica de Caiafa da acepção de Consuelo Lins sobre o cineasta e sua relação com o entrevistado no documentário de Coutinho, tomando como referência a obra de Bakhtin. “O que interessa ao cineasta não é definir o personagem à revelia dele, nem tratá-lo como um fenômeno da realidade, dotado de rígidos traços típicos-sociais. O que interessa é a visão de mundo do personagem, o ponto de vista específico que ele tem sobre o mundo e sobre si mesmo” (2004:24).

O documentarista, numa proposta de arranizador de *agenciamentos coletivos*, pode compor um texto inacabado. A obra é limitada, o indivíduo é a unidade da subjetividade, mas ao invés de determinar um encerramento, contingente, ela deve ser um lugar de atravessamento de fluxos, extra e infra pessoais, tomando a análise de Guattari feita por Caiafa (2000:65).

A etnografia pode auxiliar na reflexão acerca da posição do documentarista. Ainda que se busque manter a consciência das diferenças entre o diretor e o objeto-sujeito é difícil se livrar das amarras acadêmicas, culturais, intelectuais, subjetivas que o acederam até o encontro com *outrem*. O encontro pode potencializar as multiplicidades de abordagens como também restringir, dependendo da atitude de se disponibilizar e revelar ou não este encontro. A interpelação movimenta as fabulações, as impressões que os entrevistados têm de si e do mundo, se o entrevistador não se ativer a mera condução das falas. O registro (da gravação à edição, montagem), entretanto, é uma condição cerceante, diante da pluralidade dos momentos anteriores, e inevitável à atividade. Ora, então, o que temos sempre é uma versão operada tecnicamente, mas também subjetivamente, sobre outras versões, entre um infinito de possibilidades. Na verdade, se o documentarista tem a “autoridade” para estabelecer o que fica na tela, os significados produzidos a partir da sua obra não estão mais às suas mãos, daí o cuidado com o acabamento, não no sentido de enquadrar as representações e, sim, de proporcionar ao espectador a “viagem” que ele participou, ou melhor, motivar novos “encontros”. Para tanto, as opções são vastas.



- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006
- CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- _____. *Nosso Século XXI: notas sobre arte técnica e poderes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- DELEUZE, Gilles. As potências do falso. *A imagem-tempo: cinema 2*. Trad. Eloisa de Araujo Ribeiro. Revisão filosófica de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 155-188.
- JUNQUEIRA, Aline. *Benfica da Gente: a história do bairro-cidade contada por seus moradores*. Juiz de Fora: Funalfa, 2007 (Mini-DV, 72 min, cor)
- LINS, Consuelo. *Imagens em Metamorfose. Mídia e Comunicação*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1997.
- _____. *O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- PAIVA, Raquel. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. _____ e KUSCHINIR, Karina (orgs). *Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. _____. *Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.